

A movie poster for the film 'Mudbound'. The central image shows a group of seven people in a rural, historical setting. In the foreground, a young Black man in a light-colored shirt and a brown hat looks directly at the camera with a serious expression. Behind him, a woman with dark hair looks to the left. To the right, a Black woman in a checkered shirt looks forward. In the background, a man in a dark shirt and hat looks to the left, and an older man with a white beard and hat looks forward. The scene is framed by a light-colored border with white floral patterns. In the top right corner, a circular badge contains text.

ADAPTADO
PARA O
CINEMA
EM GRANDE
PRODUÇÃO

HILLARY JORDAN

MUDBOUND

LÁGRIMAS SOBRE O
MISSISSIPPI



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para minha mãe, Gay e Nana,
por suas histórias.

“Se eu pudesse, não escreveria nada aqui. Haveria apenas fotografias; o resto seriam retalhos de pano, bocados de algodão, torrões de terra, gravações de diálogos, lascas de madeira e ferro, frascos com cheiros, pratos de comida e de excremento...

Um pedaço do corpo arrancado pelas raízes talvez fosse mais adequado.”

– James Agee, *Elogiemos os homens ilustres*

I

JAMIE

HENRY E EU TÍNHAMOS que cavar um buraco de dois metros. Mais raso que isso, era bem provável que o corpo viesse à tona na próxima grande enchente e nos cumprimentasse: “Olá, rapazes! Lembram de mim?” Tal pensamento fez com que continuássemos cavando com mais afinco ainda, sem dar atenção às bolhas que brotavam na palma de nossas mãos. Cada golpe da pá era uma agonia – era como o velho dando suas últimas alfinetadas. Mas eu não me importava com a dor. Ela afastava pensamentos e lembranças.

Quando o buraco ficou profundo demais, pulei dentro dele para poder continuar a cavar enquanto Henry andava de um lado para outro lá em cima, olhando para o céu. A terra estava molhada por causa das chuvas, então era como se eu estivesse cavando em carne viva. Volta e meia precisava limpar o barro da pá com a mão, ficando irritado com o atraso que aquilo causava. Aquela era a primeira estiagem após um aguaceiro que durara três dias, talvez nossa última oportunidade de enterrar o corpo.

– Acho melhor você se apressar – disse Henry.

Olhei para o céu. Ao norte, grossas nuvens negras vinham em nossa direção. Rapidamente.

– Não vamos conseguir – falei.

– Vamos, sim.

Este era Henry: sempre convicto de que suas vontades, fossem elas quais fossem, *sem dúvida* se realizariam. O corpo seria enterrado antes que a tempestade caísse. As chuvas iriam embora a tempo de semear o algodão. O ano seguinte seria bem melhor do que este. Seu irmão mais novo jamais o trairia.

Comecei a cavar mais rápido, sofrendo a cada movimento. Eu estava ciente de que podia parar quando quisesse e que Henry tomaria meu lugar sem reclamar, mesmo que ele carregasse nas costas quase 50 anos de vida – bem mais que os meus 29. Mas, por orgulho, teimosia ou ambas as coisas, continuei cavando. Quando Henry finalmente se ofereceu para me render, eu já sentia os músculos em brasa e meus pulmões chiavam como um motor velho. Ao ser içado para fora, precisei trincar os dentes para não gritar de dor. Meu corpo ainda latejava em vários lugares por causa dos chutes e murros, mas Henry não sabia disso.

Henry nunca poderia saber disso.

Ajoelhado na borda do buraco, fiquei observando o trabalho dele. Suas mãos e seu rosto estavam tão sujos de lama que ele poderia ser confundido com um negro. Eu devia estar igualmente imundo, mas meus cabelos ruivos me traíam. Os mesmos cabelos cor de cobre do meu pai, tão finos que as mulheres adoravam correr os dedos por eles. Na verdade, jamais os apreciara muito. Pareciam uma pira acesa no alto da minha cabeça, gritando comigo, e com o mundo, a cada vez que me olhava no espelho.

Lá por um metro e pouco de profundidade, a pá de Henry topou com algo duro.

– O que foi? – perguntei.

– Uma pedra, eu acho.

Mas não era uma pedra, era um osso: um crânio humano com um buraco grande na parte de trás.

– Droga – disse Henry, erguendo-o contra a luz.

– O que a gente faz agora?

– Sei lá.

Nós dois olhamos para o norte. As nuvens negras já estavam bem mais próximas, engolindo o céu.

– Não dá para começar tudo de novo – falei. – Pode demorar dias até a próxima estiagem.

– Não estou gostando nada disso – retrucou Henry. – Não está certo.

Mesmo assim, ele continuou cavando, usando as mãos quando necessário, passando os ossos para mim à medida que os encontrava: costelas, braços, pelve. Parou apenas quando alcançou a parte inferior das pernas e

ouviu um barulho metálico. Dali a pouco ergueu uma tibia, mostrando o grilhão em torno do osso. Um pedaço de corrente ainda pendia do ferro.

– Meu Deus... – disse ele. – É a cova de um escravo.

– Não dá para saber.

Henry pegou novamente o crânio furado.

– Está vendo aqui? Ele levou um tiro na nuca. Um escravo fujão. – Ele balançou a cabeça e falou: – Pronto, isso resolve o assunto.

– Que assunto?

– Não podemos enterrar nosso pai na cova de um crioulo. Para ele, nada no mundo seria pior que isso. Agora me ajude a sair deste buraco – declarou Henry, estendendo a mão imunda.

– Pode ser o esqueleto de alguém que fugiu da cadeia. Um branco – argumentei, embora duvidando da ideia. E, vendo que Henry hesitava, perguntei: – A penitenciária não fica a uns dez quilômetros daqui?

– Eu diria uns quinze – respondeu ele.

– Venha – falei, estendendo a mão para ele. – Descanse. Eu cavo mais um pouco.

Quando Henry pegou minha mão, precisei me conter para não rir. Ele tinha razão: nada no mundo seria pior para o nosso pai.

HENRY JÁ HAVIA RETOMADO a pá quando avistei Laura caminhando na nossa direção, escolhendo onde pisar no mato molhado e trazendo um balde em cada mão. Rapidamente tirei um lenço do bolso e limpei a lama do rosto. A vaidade: mais uma coisa herdada do meu pai.

– Laura está vindo aí – informei.

– Me ajude a subir – disse Henry.

Puxando-o pelos braços e grunhindo por causa do esforço, arrastei-o para fora do buraco. Ele ficou de joelhos, mal conseguindo respirar. Ao baixar a cabeça, deixou o chapéu cair, revelando a pele rosada da calvície. “Ele está ficando velho”, pensei. “Não vou poder contar com ele para sempre.”

Henry ergueu a cabeça, procurando Laura. Quando seus olhos a encontraram, brilharam com emoções tão íntimas que fiquei constrangido ao reconhecê-las: desejo, esperança e uma pontinha de preocupação.

– Melhor voltar ao trabalho – falei.

Peguei a pá e me joguei – meio saltando, meio escorregando – dentro do buraco. Era tão fundo que eu não conseguia ver o lado de fora. Melhor assim.

– E aí? Em que pé estão as coisas? – ouvi Laura dizer.

Como sempre, sua voz caiu sobre mim como um jorro de água límpida. Uma voz que, por direito, pertenceria a alguma criatura etérea, uma sereia ou um anjo, não à mulher de meia-idade de um fazendeiro do Mississippi.

– Estamos quase terminando – disse Henry. – Mais uns trinta centímetros e já vai estar bom.

– Trouxe comida e água – informou ela.

– Água! – exclamou Henry, rindo com sarcasmo. – Era só o que a gente precisava: mais água.

Ouvi quando a concha raspou o metal do balde e Henry tomou uns goles. Em seguida, Laura se debruçou sobre a borda e me entregou a concha, dizendo:

– Beba um pouco.

Tomei uns goles também, embora preferisse uísque a água. Meu estoque de uísque tinha acabado uns três dias antes e não pude comprar mais na cidade porque as águas do rio haviam coberto a ponte. E, agora que elas provavelmente já tinham baixado e eu talvez conseguisse atravessar para o outro lado, estava encalhado naquele maldito buraco.

Agradei e ergui a concha para devolvê-la, mas Laura não estava olhando para mim. Ela fitava o outro lado da cova, onde havíamos deixado os ossos.

– Meu Deus! – exclamou. – São de gente?

– Não havia mais o que fazer – explicou Henry. – Já tínhamos cavado mais de um metro quando topamos com eles.

Ao notar os grillhões e as correntes, os lábios de Laura começaram a tremer. Ela cobriu a boca com a mão, virou-se para Henry e ordenou:

– Tirem isso daí antes que as crianças vejam.

A BORDA DO BURACO estava uns trinta centímetros acima da minha cabeça quando parei de cavar.

– Ei, venham ver! – chamei – Acho que está de bom tamanho.

O rosto de Henry surgiu no alto.

– É, acho que sim – concordou ele.

Devolvi a pá e, quando Henry tentou me puxar para fora, não conseguiu. Estava muito fundo, e nossas mãos, assim como as paredes do buraco, estavam escorregadias demais.

– Vou buscar a escada – disse ele.

– Depressa.

Fiquei esperando na cova, cercado por uma lama úmida e fedorenta. No alto, apenas um retângulo de céu cada vez mais escuro. Com a cabeça inclinada para trás, eu aguçava os ouvidos à espera dos passos encharcados de Henry, cogitando por que diabo ele demorava tanto. “Se alguma coisa acontecer com ele e com a Laura”, pensei, “ninguém vai saber que estou aqui.” Tentei subir por conta própria, mas meus dedos escorregaram quando tentei fincá-los na borda. Foi então que senti os primeiros pingos de chuva.

– Henry! – berrei.

Ainda era uma chuvinha fina, mas não demoraria a se transformar numa tempestade. A água começaria a encher o buraco, subindo pelas minhas pernas até alcançar o peito, depois o pescoço.

– Henry! Laura!

Comecei a arranhar as paredes do buraco feito um urso furioso tentando sair de uma armadilha. De algum modo eu percebia a tolice do que estava fazendo, mas o urso seguia adiante, indiferente à lucidez do homem. Não era o confinamento que me afligia; eu já havia passado centenas de horas dentro de uma cabine de avião sem nenhum problema. O que me afligia era a água. Durante a guerra, eu evitava sobrevoar o mar aberto sempre que possível, mesmo sabendo dos riscos que corria. Foi assim que conquistei todas aquelas medalhas por valentia: meu medo do mar era tanto que eu acabava voando de encontro ao fogo antiaéreo alemão.

Eu gritava tão alto que só fui ouvir Henry quando ele já me olhava da borda do buraco, gritando de volta:

– Estou aqui, Jamie! Estou aqui!

Ele baixou a escada e eu subi o mais rápido que pude. Henry se apro-

ximou para me erguer, mas não deixei. Dobrei o tronco para a frente e, com as mãos plantadas nos joelhos, tentei acalmar o coração disparado.

– Você está bem? – perguntou.

Não olhei para ele. Sabia que encontraria a mesma testa franzida e a mesma boca crispada que apareciam em seu rosto sempre que ele pensava: “Meu irmão, esse maluco...”

– Achei que fosse me abandonar aqui – declarei, com um riso forçado.

– Por que eu faria uma coisa dessas?

– Estou brincando, Henry – falei, recolhendo a escada. – Venha, vamos acabar logo com isso.

Voltamos correndo através da plantação, paramos na bomba d’água para tirar a lama do rosto e das mãos e fomos buscar o caixão no celeiro. Era um caixão muito pobre, construído com tábuas tiradas daqui e dali, pois não havia sido possível fazer mais que isso com o material que tínhamos à disposição. Consternado, Henry o levantou por uma das pontas, depois disse:

– Eu queria que a gente tivesse comprado um caixão decente na cidade.

– Eu também – concordei, pensando no uísque.

Carregamos o caixão para a varanda da casa. Quando passamos pela janela aberta, Laura disse do outro lado:

– Acho melhor vocês tomarem um café e trocarem de roupa antes de enterrá-lo.

– Não vai dar tempo – explicou Henry. – Vem temporal por aí.

Levamos o caixão para o anexo e o depositamos no chão duro de tábuas corridas. Henry ergueu o lençol para ver nosso pai uma última vez. A expressão no rosto de Pappy era tranquila. Nada ali sugeria que ele tivesse tido outro fim que não a morte natural e oportuna de um homem velho.

Levantei o corpo pelos pés, Henry pela cabeça.

– Muito cuidado – pedi ele.

– Claro, não queremos machucar ninguém.

– Não é disso que estou falando! – cuspiu ele de volta.

– Desculpe. Estou cansado, só isso.

Com uma cautela ridícula, acomodamos o corpo dentro do caixão. Henry pegou a tampa e disse:

– Eu cuido do resto. Vá lá e veja se Laura e as meninas já estão prontas.

– Tudo bem.

Assim que pisei na sala, ouvi Henry bater o primeiro prego, uma martelada seca e derradeira que assustou as crianças.

– Que barulho foi esse, mamãe? – perguntou Amanda Leigh.

– Foi o seu pai fechando a tampa do caixão do Pappy – respondeu Laura.

– O Pappy não vai ficar bravo com ele? – A voz de Bella era um sussurro assustado.

Laura lançou um olhar rápido e feroz na minha direção.

– Não, meu amor. O Pappy está morto. Nunca mais vai ficar bravo com ninguém. Agora vão vestir o casaco e calçar as botas. Precisamos levar o vovô para descansar.

Felizmente, Henry não estava por perto para ouvir a satisfação na voz dela.

LAURA

QUANDO PENSO NA FAZENDA, penso em lama. Infiltrando-se nas unhas do meu marido. Empapando os joelhos e cabelos das crianças. Sugando meus pés feito um bebê guloso nos seios da mãe. Deixando pegadas por toda parte dentro de casa. Não havia meio de derrotar a lama. Ela cobria tudo. Eu sonhava em tons de lama.

Quando chovia – o que era frequente –, o quintal se transformava num sopão grosso, a casa flutuando nele feito uma torrada mole. Nos dias de tempestade, o rio subia e engolia a única ponte que dava acesso ao resto do mundo: o mundo da luz elétrica, das ruas asfaltadas, das camisas sempre limpas. Quando o rio subia, era o mundo de um lado e nós do outro.

Os dias iam escorregando uns sobre os outros. Minhas mãos faziam o que era pedido delas: lavavam, varriam, tiravam água da bomba, batiam nata para fazer manteiga. E cozinhavam. Cozinhavam muito. Abriam massa, arrancavam favas, decapitavam galinhas, tiravam palha de milho e brotos de batatas. Mal terminavam de limpar a bagunça do café da manhã, já tinham que preparar o almoço, depois o jantar e, logo, o café da manhã seguinte.

Levantar junto com o dia. Fazer as necessidades na fossa externa – tremendo de frio no inverno, suando no verão e respirando pela boca o ano inteiro. Roubar os ovos das galinhas. Buscar lenha para acender o fogão. Colocar os biscoitos para assar, fatiar o bacon, fritá-lo com os ovos, preparar o mingau de farinha de milho. Tirar as filhas da cama, escovar seus dentes, vesti-las, calçar as meias e os sapatos. Carregar a caçula no

colo, sair com ela para a varanda e deixar que toque o sino para chamar o pai que trabalha na plantação e para acordar o avô odioso que dorme no anexo. Alimentar todo mundo e a mim mesma. Arear a frigideira de ferro, lavar o rosto das meninas, raspar diariamente a lama do chão enquanto o velho não move uma palha para ajudar. Ele está sempre no meu pé: “Melhor você já ir preparando a salada, garota. Melhor varrer a casa agora. Lavar a roupa. Buscar minha bengala. Dar comida às galinhas. Ensinar um pouco de bons modos a essas pirralhas encapetadas.” A voz enrouquecida pelos cigarros. Os olhos claros e sonsos, sempre plantados em mim.

Ele metia medo nas meninas, principalmente na mais nova, que era meio gordinha. “Venha cá, minha porquinha”, costumava dizer. E ela ficava onde estava, observando o avô por entre as minhas pernas, olhando para os dentes dele, compridos e encardidos, para as mãos de dedos esqueléticos e unhas curvas, que mais pareciam lascas de um chifre velho. “Venha sentar no colo do vovô.”

Na verdade, ele não tinha intenção nem vontade de colocar a neta no colo, só gostava de ver o medo que causava nela. Ao perceber que a menina não se mexia, dizia que não tinha problema, que ela era gorda demais para sentar no colo de quem quer que fosse, que poderia quebrar seus ossos. Ela começava a chorar e eu imaginava o velho já estendido no caixão, a tampa se fechando sobre o rosto dele, o caixão baixando para a cova, a terra batendo na madeira.

“Pappy”, dizia eu sorrindo carinhosamente, “que tal um cafezinho agora?”

MAS É MELHOR COMEÇAR do início, se for possível achá-lo. Inícios são algo escorregadio. Quando você acha que encontrou um, olha para trás e encontra um segundo mais remoto, depois um terceiro. Mesmo se começar com “Capítulo um: Nasci”, ainda há o problema dos antecedentes, das causas e dos efeitos. Por que o jovem David Copperfield é órfão de pai? Porque, tal como Dickens nos conta, o pai do menino foi vítima de sua saúde frágil. Sim, mas de onde veio essa fragilidade fatal? Dickens não diz, portanto só nos resta especular. Um problema congênito, talvez

herdado da mãe, que havia casado com um pobretão apenas para espezinhar o pai cruel que na infância apanhara muito de uma babá que fora obrigada a trabalhar depois que o marido infiel a trocou pela moça que conhecera por acaso quando a carruagem dele quebrou diante da chapelia onde ela fora reformar um chapéu. Se começarmos daí, o jovem David é órfão porque a futura amante do marido da babá do seu tataravô precisara de novos adornos para o chapéu.

Pela mesma lógica, meu sogro foi assassinado porque nasci mais para comum do que para bonita. Esse é um início possível. Há outros: porque Henry salvou Jamie de um afogamento durante a grande enchente de 1927 no rio Mississippi; porque Pappy vendeu as terras que deveriam ter sido de Henry; porque Jamie ficou muito tempo longe, pilotando bombardeiros durante a guerra; porque um negro chamado Ronsel Jackson brilhava mais do que devia; porque um homem negligenciou a mulher, um pai traiu o filho e uma mãe buscou vingança. Suponho que os inícios dependam de quem está contando a história. Outros certamente começariam de um ponto diferente, mas acabariam chegando ao mesmo lugar.

É tentador pensar que tudo aquilo que aconteceu na fazenda foi inevitável; que, na realidade, todas as ocorrências da vida são tão determinantes quanto as táticas de um jogo da velha: basta começar pela casa do meio para que ninguém vença. Basta começar por uma das quinas para que você ganhe. E se você deixar que o adversário comece? Aí você perde. Simples assim.

A verdade não é tão simples. A morte pode ser inevitável, mas o amor, não. O amor, você tem que optar por ele.

Vou começar com isso. Com o amor.

NA BÍBLIA MUITO SE fala em “apegar”. Homens e mulheres se apegando a Deus. Maridos se apegando às suas mulheres. Ossos se apegando à pele. Apegar-se, ao que parece, é uma coisa boa. Os bons se apegam; os maus, não.

No dia do meu casamento, mamãe, numa vaga tentativa de me preparar para as indignidades do leito conjugal, sugeriu que, apesar delas,

eu me apegasse a Henry. “No início, dói um pouco”, disse, fechando o colarzinho de pérolas no meu pescoço. “Mas depois melhora.”

Ela tinha razão, mas só até certo ponto.

Eu era uma virgem de 31 anos quando conheci Henry McAllan, na primavera de 1939 – uma solteirona já bem avançada no caminho da petrificação. Meu mundo era pequeno e tudo nele era conhecido. Eu vivia com meus pais na casa onde nascera. Dormia no quarto onde antes haviam dormido também minhas irmãs, mas que então era só meu. Dava aulas de língua inglesa numa escola particular exclusiva para meninos, cantava no coral da Calvary Episcopal Church e ajudava a tomar conta dos meus sobrinhos e sobrinhas. Nas noites de segunda-feira, jogava bridge com minhas amigas casadas.

Nunca fui bonita como minhas irmãs. Fanny e Etta herdaram os traços delicados e os cabelos loiros dos Fairbairns, do lado da minha mãe, enquanto eu sou uma Chappell da cabeça aos pés: baixinha, morena, traços acentuadamente gauleses e uma silhueta mais cheinha que jamais combinou muito bem com os vestidos da minha juventude. Naquela época, quando as amigas da minha mãe nos visitavam, elas elogiavam a delicadeza das minhas mãos, os cachinhos do meu cabelo, o meu jeito alegre de ser. Assim eu era na mocidade. Até que um dia (de uma hora para outra, aparentemente) eu não era mais uma moça. No meu aniversário de 30 anos, depois que a louça da festa em família foi lavada e guardada, depois que meus irmãos e irmãs, com suas respectivas famílias, foram embora para casa, mamãe chorou. Os soluços dela, abafados por um travesseiro ou talvez pelo ombro de papai, viajaram pelo corredor até o meu quarto, onde, ainda acordada, eu ouvia as cigarras, os curiangos e os sapos conversando uns com os outros do lado de fora. “Eu sou! Eu sou!”, eles pareciam dizer.

“Eu sou”, sussurrei para mim mesma. As palavras soaram vazias aos meus ouvidos, tão inúteis quanto as tentativas de um grilo para escapar da caixa de fósforos onde está preso. Muitas horas se passaram até que eu conseguisse dormir.

Quando acordei na manhã seguinte, senti uma espécie de alívio. Era oficialmente uma mulher excluída do mercado de casamentos. Todos agora poderiam deixar de lado as esperanças de eu encontrar um par e

voltar a atenção para outro lugar, para algum outro projeto mais viável, deixando-me em paz para tocar a minha vida adiante. Eu era uma professora respeitada, uma filha, irmã, sobrinha e tia adorada por todos. Isso me bastaria para ser feliz.

Bastaria mesmo? Haveria felicidade possível nas margens vazias e brancas das páginas dos livros, lá onde habitavam as tias solteironas e as professoras sem filho? Não posso dizer, pois, passado um ano e pouco, Henry apareceu na minha vida e me levou direto para a tinta preta dos parágrafos centrais.

Meu irmão Teddy o trouxe para jantar conosco num domingo. Teddy trabalhava como avaliador de terras para o Corpo de Engenheiros do Exército e Henry era seu novo chefe. Era uma daquelas criaturas raras e maravilhosas, um solteirão de 41 anos. Aparentava a idade que tinha, sobretudo por causa dos cabelos já brancos. Não era um homem especialmente grande, mas tinha solidez. Mancava um pouco (sequela da guerra, como vim a saber depois), mas isso não tirava seu ar seguro e confiante. Seus movimentos eram lentos, pensados, como se pernas e braços fossem de chumbo. As mãos eram fortes e bem desenhadas; as unhas precisavam ser cortadas. Fiquei impressionada com a imobilidade daquelas mãos, a placidez com que elas permaneciam cruzadas sobre o colo ou plantadas sobre a mesa mesmo quando o assunto era política. Henry falava com aquele sotaque truncado do delta do Mississippi, como se ainda mastigasse algum doce de sobremesa, desses bem calóricos e deliciosos. Dirigia-se quase sempre a Teddy ou aos meus pais, mas volta e meia deixava os olhos verdes deslizarem para o meu lado, desviando-os logo em seguida. Lembro do calor úmido que eu sentia sob as roupas, do ligeiro tremor das mãos quando pegava o copo d'água.

Minha mãe, que tinha um faro todo especial para detectar as inclinações românticas dos outros, começou a inserir na conversa, com uma frequência irritante, as minhas virtudes femininas: “Ah, quer dizer então que o senhor fez faculdade, Sr. McAllan? Minha Laura também, sabia? Formou-se em pedagogia pela West Tennessee State. Sim, Sr. McAllan, todas nós tocamos piano, mas a Laura é de longe a melhor pianista da família. Também canta lindamente, não canta, Teddy? E faz uma torta de pêssego...” E assim por diante. Passei quase todo o jantar olhando para

o prato. Sempre que eu ameaçava me levantar para fazer algo na cozinha, mamãe se adiantava e ia no meu lugar ou mandava Eliza, a mulher de Teddy, que obedecia prontamente, mas não sem lançar um olhar de cumplicidade na minha direção. Os olhos de Teddy dançavam de um lado para outro e, no final do jantar, ele já estava abafando as risadas. Minha vontade era estrangular os dois, ele e mamãe.

Quando Henry se preparava para ir embora, mamãe convidou-o para voltar no outro domingo. Ele olhou para mim antes de concordar, um olhar discreto que procurei retribuir com um sorriso educado.

Ao longo da semana seguinte, mamãe não conseguiu falar de outra coisa que não o charmoso Sr. McAllan: seu jeito manso de falar, o cavalheirismo (para ela, o maior elogio que podia ser dispensado a um homem), o hábito de não beber vinho durante o jantar. Papai também gostou dele, o que não chegava a ser uma surpresa, já que Henry possuía um *diploma*. Aos olhos de um professor de história aposentado, não havia prova maior dos méritos de um homem que uma formação universitária. Nem mesmo o Filho de Deus conseguiria conquistar a boa vontade dele se voltasse à Terra sem um diploma.

Essa expectativa dos dois me incomodava. Ela ameaçava alimentar minha própria expectativa, e eu não podia deixar que isso acontecesse. Convenci a mim mesma que Henry McAllan, por mais cavalheiro e estudado que fosse, não tinha nada a ver comigo. O sujeito tinha acabado de se mudar para Memphis, ainda não tinha amigos na cidade e só por isso havia aceitado o convite de mamãe.

Ah, quanta bobagem da minha parte, quantas defesas desnecessárias! Desnecessárias e fajutas, pois no domingo elas vieram abaixo assim que Henry atravessou a porta com dois buquês de lírio nas mãos, um para mim, outro para mamãe. Depois do jantar, ele sugeriu que fizéssemos um passeio a pé. Levei-o para conhecer o Overton Park. As árvores estavam carregadas e, quando o vento soprava, choviam flores brancas sobre nossas cabeças. Era como uma cena de cinema, e eu lá, como a mais improvável das heroínas. Os dedos de Henry roçaram meu rosto ligeiramente quando ele colheu uma flor dos meus cabelos e disse:

- São lindas, não são?
- Lindas, mas tristes.

– Tristes por quê?

– Porque me fazem lembrar do sofrimento de Cristo.

Ele franziu a testa. Via-se claramente que se irritava quando não sabia alguma coisa. Mas, para mim, era uma qualidade ele admitir sua ignorância em vez de fingir o contrário, como a maioria dos homens fazia. Mostrei-lhe as pintas vermelhas em cada uma das pétalas, tão parecidas com as chagas de Cristo.

– Ah – disse ele, e tomou minha mão.

Percorremos de mãos dadas todo o trajeto de volta e, antes de entrarmos em casa, Henry me convidou para uma apresentação de *O soldado de chocolate* no sábado seguinte, no teatro a céu aberto de Memphis. As mulheres da família uniram forças para me embelezar para a ocasião. Mamãe me arrastou para a Lowenstein's, uma loja de departamentos, e me presenteou com um vestido de gola rendada e mangas bufantes. Na manhã de sábado, minhas irmãs chegaram com frascos e mais frascos de maquiagem para o rosto e os olhos e uma infinidade de batons em todas as gradações entre o vermelho e o rosa, depois foram testando as diversas possibilidades com a rapidez e a autoridade de chefs estreladas a escolher os melhores temperos para o molho do dia. Terminado o longo trabalho, elas ergueram um espelho diante de mim como se me dessem de presente a minha imagem refletida. Não me reconheci naquela imagem e disse isso a elas.

– Espere só até o Henry ver você – riu Fanny.

Quando apareceu para me buscar, Henry disse apenas que eu estava bonita. No entanto, mais tarde, ele me puxou para nosso primeiro beijo, segurando meu rosto entre as mãos com a naturalidade de quem segura seu chapéu favorito. Até aquele dia homem algum havia me beijado com tanta confiança (em si mesmo ou em minha vontade de ser beijada), e isso me deixou encantada.

Henry tinha toda a autoconfiança que me faltava. Eram muitas as suas certezas: o Packard é o melhor carro fabricado nos Estados Unidos; a carne não deve ser comida malpassada; o hino nacional deveria ser “God Bless America”, de Irving Berlin, e não “The Star-Spangled Banner”, tão difícil de cantar; os Yankees vão ganhar o próximo campeonato; outra Grande Guerra está para estourar na Europa, e o melhor que os Estados

Unidos têm a fazer é ficar de fora dela; o azul, Laura, é a cor que mais lhe cai bem.

Passsei a usar azul. Ao longo dos meses seguintes, fui contando minha vida para Henry. Conteí-lhe sobre meus alunos prediletos; sobre meu trabalho como conselheira nas colônias de férias de Myrtle Beach; sobre toda a minha família, inclusive os primos de segundo e terceiro graus. Falei dos meus anos de faculdade, da minha paixão por Dickens e pelas irmãs Brontë, da minha antipatia por Melville e pela matemática. Ele ouvia tudo com atenção e seriedade, vez ou outra movendo a cabeça em sinal de aprovação. Não demorou para que eu começassem a atentar para esses sinais, observando quando eles eram concedidos ou omitidos e, inevitavelmente, apresentando-lhe aquela versão de mim mesma que eu julgava mais digna deles. Não se tratava de um mero truque de sedução feminina. Eu estava experimentando a admiração masculina e queria doses cada vez maiores de tudo que ela oferecia.

E o que ela oferecia não era pouco. Ter um “namorado firme”, como mamãe gostava de dizer, dava-me um prestígio que até então eu jamais tivera entre amigos e parentes, fazendo de mim uma mulher mais bonita e interessante, alguém que por algum motivo merecia tudo que havia de bom na vida.

“Como você está linda hoje!”, diziam alguns. “Acredite em mim, hoje você está *luminosa!*”, exclamavam outros. “Laura, sente-se aqui do meu lado e conte-me tudo sobre este seu Henry McAllan”, pediam.

Eu não tinha muita certeza de que Henry fosse meu, mas, quando a primavera deu lugar ao verão e ele continuava muito carinhoso, comecei a me permitir a esperança de chamá-lo de meu. Henry me levava a restaurantes, ao cinema, a caminhadas na beira do rio. Quando passeávamos pelo campo, ele gostava de apontar as características da terra e das fazendas pelas quais passávamos. Ele sabia muita coisa sobre lavouras e criação de animais. Certo dia, quando fiz esse comentário, contou que havia crescido numa fazenda.

– Seus pais ainda moram lá? – perguntei.

– Não. Venderam a propriedade depois da enchente de 1927.

Notei a tristeza na voz dele, mas coloquei na conta da nostalgia. Não me ocorreu perguntar se ele sonhava ter sua própria fazenda um dia.

Henry era um engenheiro formado, com um emprego que lhe permitia morar em Memphis, o epicentro da civilização. Por que optaria pela vida difícil de fazendeiro?

– MEU IRMÃO ESTÁ chegando de Oxford neste fim de semana – informou Henry num dia de julho. – Gostaria muito que ele conhecesse você.

Que *ele* me conhecesse, não o contrário. Meu coração veio à boca. Henry tinha uma inegável predileção por esse irmão, chamado Jamie. Sempre falava dele de um jeito engraçado, com um misto de carinho e exasperação. Jamie estudava belas-artes na Universidade do Mississippi (“um diploma que não serve para nada”) e nas horas vagas trabalhava como modelo de roupas masculinas (“isso não é ocupação de homem”). Sonhava em ser ator (“duvido muito que consiga sustentar uma família”) e participava de produções amadoras sempre que possível (“gosta de atenção, só isso”). Apesar das críticas, era evidente que Henry adorava o irmão mais novo. Seus olhos brilhavam sempre que falava do garoto, e as mãos, geralmente calmas, gesticulavam sem nenhum pudor.

Se ele desejava me apresentar ao irmão, significava que estava pensando numa relação mais duradoura entre nós. Habituada a não alimentar esperanças, procurei tirar da cabeça aquele pensamento, mas ele, teimoso, insistia em permanecer em minha mente. Naquela noite, enquanto descascava as batatas para o jantar, fiquei imaginando como seria o pedido de casamento que estava por vir: Henry ajoelhado no chão da sala, muito sério e ligeiramente nervoso com a possibilidade de que eu dissesse não. Na manhã seguinte, ao arrumar minha cama estreita, imaginei a cama de casal que teria no futuro, a colcha branca de piquê, os dois travesseiros amassados em vez de um só. Na escola, enquanto os alunos faziam uma prova surpresa sobre locuções verbais, imaginei uma criança com os olhos verdes de Henry olhando para mim de seu bercinho de vime. Essas visões brotavam na minha cabeça feito flores exóticas, exuberantes e multicoloridas, indiferentes àquele meu hábito antigo de cortar todos os meus desejos pela raiz.

No sábado do nosso encontro com Jamie, procurei me arrumar com capricho, optando pelo terninho de linho azul que Henry tanto apre-

ciava, esperando com paciência enquanto mamãe tentava aprisionar os meus cabelos rebeldes num coque alto, digno de uma propaganda de revista. Henry passou para me buscar e fomos juntos para a estação ferroviária esperar Jamie. Na plataforma, corri os olhos pela multidão de passageiros que desembarcavam, procurando uma cópia mais jovem de Henry. Mas o rapaz que veio correndo ao nosso encontro não se parecia nem um pouco com ele. Fiquei observando enquanto eles se abraçavam: Henry com seus cabelos brancos e seu tronco sólido; Jamie, mais alto, mais magro e mais pálido, os cabelos da cor de uma moeda de cobre recém-cunhada. Logo eles começaram a dar tapinhas nas costas um do outro, como costumam fazer os homens para desfazer a intimidade prolongada dos abraços. Recuando um passo, eles se examinaram mutuamente.

– Você está ótimo, irmão! – exclamou Jamie. – Parece que o ar do Tennessee está fazendo muito bem para você. Ou será outra coisa? – emendou ele, olhando para mim com um sorriso largo.

Jamie era um homem bonito; não havia outra palavra para descrevê-lo. Tinha traços bem-feitos, angulosos, e uma pele tão branca que era possível enxergar as veias das têmporas. Os olhos tinham aquele verde das pedras de berilo, pareciam iluminados. Tinha apenas 22 anos, nove a menos que eu e dezenove a menos que Henry.

– Esta é a Srta. Chappell – apresentou Henry. – Meu irmão, Jamie.

– Muito prazer – foi só o que consegui dizer.

– O prazer é todo meu – disse ele, e tomou minha mão para beijá-la com um excesso de cavalheirismo.

Henry revirou os olhos e declarou:

– Meu irmão acha que é um desses personagens que ele costuma interpretar.

– Qual deles? – questionou Jamie, erguendo o indicador no ar. – Hamlet? Fausto? Príncipe Hal? O que acha, Srta. Chappell?

Falei a primeira coisa que me veio à mente:

– Na verdade, acho que você está mais para Puck.

Fui recompensada com um delicioso sorriso.

– Milady fala com justeza: sou *mesmo* o alegre andarilho da noite! – concordou ele.

– Quem é Puck? – perguntou Henry.

Jamie balançou a cabeça, dizendo:

– Oh mestre! Como são loucos os mortais!

Henry mordeu o lábio e subitamente fiquei com pena ao vê-lo ali, ofuscado pelo próprio irmão.

– Puck é um personagem de Shakespeare – expliquei. – Um espírito desordeiro da floresta.

– Um duende, só isso – acrescentou Jamie, sério. – Desculpe, eu só queria impressionar sua namorada.

Henry me abraçou e falou:

– Laura não é do tipo que se deixa impressionar.

– Ótimo – disse Jamie. – Mas agora... que tal vocês me mostrarem esta cidade linda?

Nós o levamos ao restaurante do Peabody Hotel, o melhor de toda Memphis, onde uma banda tocava nos fins de semana. Por insistência de Jamie, pedimos uma garrafa de champanhe. Até aquele dia eu havia bebido champanhe apenas uma vez, no casamento do meu irmão Pearce, e logo na primeira taça eu já estava tonta. Quando a banda começou a tocar, Jamie perguntou a Henry se podia me tirar para dançar (Henry não dançava nunca, por causa da perna). Fomos para a pista e rodopiamos ao som de Duke Ellington, Benny Goodman e Tommy Dorsey, músicas que eu ouvia no rádio ou dançava em casa com meus irmãos e sobrinhos. Como era diferente aquilo ali! E como era divertido! Eu podia sentir que os olhos de Henry nos acompanhavam; não só os dele, mas outros também: olhos femininos que me invejavam. Eu me sentia nas páginas de um romance e não havia outra coisa a fazer senão aproveitar. Ao fim de várias músicas, Jamie me conduziu de volta à mesa, pediu licença e se afastou. Desabei na cadeira, corada e sem fôlego de tanto dançar.

– Você está especialmente bonita hoje – elogiou Henry.

– Obrigada.

– Jamie produz esse efeito nas mulheres. Elas brilham para ele. – O comentário foi feito com uma expressão neutra no rosto, num tom de voz casual. Se Henry tinha ciúmes do irmão, não deixava transparecer. – Jamie gostou de você.

– Aposto que ele gosta de todo mundo.

– Desde que todo mundo use saia – disse Henry com um sorriso irônico, apontando para a pista de dança. – Olhe lá.

Jamie agora tinha nos braços uma morena alta, esguia, embrulhada num vestido de cetim com um decote baixo na parte de trás. Sua mão pousava nas costas nuas dela. Somente ao ver a facilidade com que a moça acompanhava os passos complicados que ele ia inventando foi que percebi minha própria falta de jeito como dançarina. Minha vontade foi esconder o rosto com as mãos. Eu sabia que todos os meus sentimentos estavam escancarados ali, bem diante de Henry. Minha inveja. Minha vergonha. Meus desejos bobos.

Fiquei de pé. Nem sei o que eu teria dito para me explicar, pois Henry também se levantou e foi logo dizendo:

– Já é tarde. Sei que amanhã você tem que acordar cedo para ir à missa. Venha, eu a deixo em casa.

Henry era sempre assim, gentil, generoso. Senti uma pontada de remorso. Mais tarde, no entanto, deitada e sem conseguir dormir, percebi que para ele talvez não fosse nenhuma novidade aquilo que eu havia mostrado tão claramente no restaurante. Com certeza ele já sentira a mesma coisa uma centena de vezes na presença do irmão: uma vontade de possuir aquele brilho que jamais seria seu.

PROCUREI TIRAR JAMIE DA cabeça assim que ele voltou para Oxford. Não era nenhuma ingênua; sabia que um homem como ele jamais desejaria uma mulher como eu. Já achava espantoso que Henry me desejasse! Não sei ao certo se o que eu sentia por ele naquela época era amor; minha gratidão era tanta que chegava a ofuscar todo o resto. Henry era o salvador que havia me tirado da vida de comiseração, escárnio e condescendência que costumava cercar as solteironas. Sim, Henry era o meu salvador. Mas seria precipitado contar com isso naquele momento, e por um bom motivo.

Certa noite, durante o ensaio do coral, vi que Henry, sentado num dos últimos bancos da igreja, me observava de um jeito solene e firme. “É hoje que ele vai me pedir em casamento”, pensei.

Nem sei como consegui chegar ao fim do ensaio; o regente precisou

chamar minha atenção duas vezes por entrar na hora errada. Na sala do coral, enquanto eu desabotoava a túnica com dedos desajeitados, de repente me veio à cabeça a imagem de Henry desabotoando minha camisola na noite de núpcias. Fiquei imaginando como seria dormir com ele, deixá-lo tocar meu corpo com tanta intimidade quanto ele tocava o seu. Minha irmã Etta, que era enfermeira, me contara tudo sobre o ato sexual assim que completei 21 anos. Durante a conversa ela se limitou apenas aos fatos, jamais mencionando sua relação com o marido, Jack, mas, ao ver o sorriso que ela insinuava, deduzi que o leito conjugal estava longe de ser um suplício.

Henry me esperava no estacionamento da igreja, recostado no carro com a mesma camisa branca de sempre, a mesma calça cinza e o mesmo chapéu de feltro cinza. Esse era o seu uniforme. Ele não dava a menor importância para as roupas, que geralmente lhe caíam mal: calças com cintura frouxa, bainhas arrastando no chão, mangas compridas ou curtas demais. Hoje acho graça quando penso nos sentimentos que as roupas dele despertavam em mim. Eu me roía por dentro, tamanha era a vontade de consertá-las.

– Olá, meu amor – disse ele. E completou: – Vim dizer adeus.

Adeus. A palavra cresceu feito uma nuvem negra no espaço entre nós, pousando aos poucos nos meus ombros.

– Vão construir um aeroporto novo no Alabama e querem que eu administre a obra. Vou me ausentar por muitos meses, talvez mais.

– Entendo – falei.

Fiquei esperando que ele dissesse algo mais: a saudade que sentiria, as cartas que escreveria, o pedido para que eu o esperasse. Mas Henry nada falou. E, quanto mais o seu silêncio se prolongava, mais fraco ia ficando o meu amor-próprio. Eu não havia sido talhada para o amor, para o casamento ou para os filhos. Essas coisas não eram para mim. Que tolice a minha ter pensado o contrário.

De repente tive a impressão de que estava me afastando do meu próprio corpo. Ouvi quando ele se ofereceu para me levar em casa. Ouvi quando agradeci educadamente, dizendo que precisava de ar fresco, depois desejando a ele muita sorte no Alabama. Vi quando ele se inclinou para beijar meus lábios e eu virei a tempo, recebendo o beijo no rosto.

Vi quando fui embora sozinha, o tronco tão ereto quanto permitia meu orgulho.

Mamãe fechou o cerco assim que atravessei a porta.

– O Henry passou aqui mais cedo – informou. – Ele a encontrou na igreja?

Fiz que sim com a cabeça.

– Parecia ansioso para falar com você...

Foi difícil olhar para ela e ver a esperança que ameaçava desmoronar em seu sorriso radiante.

– O Henry vai viajar – expliquei. – Não sabe quando vai voltar.

– Isso foi... tudo que ele disse?

– Foi – respondi, subindo para o quarto.

– Ele vai voltar – gritou às minhas costas. – Sei que vai.

Parei onde estava e virei para trás. Lá estava ela ao pé da escada, linda em sua agonia, uma das mãos delicadamente pousada no corrimão, a outra amassando o pano da saia, ambas magras e pálidas.

– Ah, Laura... – falou com a voz trêmula.

– Mamãe, nem pense em chorar.

Ela não chorou. O que deve ter exigido um enorme esforço da sua parte. Mamãe chorava por qualquer bobagem: a borboleta que morreu, o molho que talhou.

– Sinto muito, minha querida – declarou.

Então perdi a força das pernas. Sentei no alto da escada e deixei a cabeça cair sobre os joelhos. Ouvi o ranger dos degraus quando mamãe subiu e se sentou ao meu lado. Ela me abraçou, beijou minha cabeça e disse:

– Nunca mais vamos mencionar o nome dele.

Ela manteve sua promessa e por certo instruiu o resto da família a imitá-la, pois ninguém comentou nada sobre Henry, nem mesmo as minhas irmãs. Todos redobramos os carinhos comigo, distribuindo elogios sem necessidade, inventando coisas para me manter ocupada. Choviam convites para eu jantar na casa de um, jogar uma partidinha de bridge na de outro, acompanhar não sei quem às compras. Por fora eu estava bem e, passado algum tempo, eles voltaram a me tratar normalmente, certos de que eu já tinha virado a página. Não tinha. Ainda estava furiosa. Furiosa

comigo mesma, furiosa com Henry. Furiosa com a crueldade daquela situação, que fazia de mim uma mulher indesejável para os homens, mas também incapaz de me sentir completa sem a presença de um. Percebi que a felicidade de antes havia sido uma mentira. A verdade da minha existência era aquele vazio mal disfarçado de fúria. Ele estivera lá desde sempre. Henry só me forçara a enxergá-lo.

Por quase dois meses não tive nenhuma notícia dele. Um dia, ao chegar em casa, encontrei mamãe, ansiosíssima, me esperando junto da porta.

– Henry McAllan voltou – foi logo dizendo. – Está na sala. O seu cabelo está uma bagunça, deixe-me arrumá-lo para você.

– Não precisa – falei, o queixo erguido. – Vou do jeito que estou.

Eu me arrependi de não ter aceitado a ajuda de mamãe assim que pus os olhos nele. Henry estava mais bronzeado, mais magro, mais bonito do que nunca. Por que diabo eu não havia passado nem um batonzinho? Bobagem. Aquele homem havia me seduzido apenas para me abandonar depois. Não tinha mandado nem sequer um cartão-postal naquelas últimas semanas. Ficar bonita para ele? Para quê?

– Laura, que bom ver você. Como tem passado?

– Bem, obrigada, e você?

– Fiquei com saudades.

Eu não disse nada. Henry se aproximou e tomou minhas mãos, que estavam suadas. As dele estavam frias e secas.

– Eu precisava ter certeza dos meus sentimentos. E agora tenho. Amo você, Laura, e quero que seja minha mulher. Aceita casar comigo.

Assim mesmo, afirmando, mais do que perguntando. Se ele tinha alguma dúvida quanto à minha resposta, escondeu muito bem. O que não foi fácil de engolir. Como era possível sentir-se tão seguro após uma ausência de quase dois meses? Estava achando o quê? Que podia entrar na minha casa e me recolher como se eu fosse um paletó esquecido? Mas ali estava ela, a proposta que eu pensara jamais receber na vida. Comparada à maravilhosa declaração de Henry, minha revolta era insignificante. Se ele tinha tanta certeza assim da minha resposta, pensei comigo mesma, era porque esse era o seu jeito de ser. *Carne não deve ser comida malpassada. O azul é a cor que mais lhe cai bem. Aceita casar comigo.*

Enquanto eu olhava nos olhos dele, tão sinceros quanto verdes, veio à minha cabeça a inoportuna lembrança de Jamie rindo e dançando comigo na pista do Peabody. Henry não era sedutor nem romântico; como eu, era feito de ingredientes bem mais rústicos e sólidos. Mas me amava. E eu sabia que ele cuidaria de mim, que seria fiel, que me daria filhos saudáveis e inteligentes. Em troca disso tudo, não custaria nada amá-lo também.

– Sim, Henry, eu aceito.

Ele assentiu com a cabeça, depois me beijou, abrindo meus lábios com o polegar antes de inserir a língua. Fechei a boca imediatamente, mais de susto do que qualquer outra coisa; fazia anos desde a última vez que havia sido beijada assim, e a língua dele me pareceu estranha, espessa, invasiva. Henry grunhiu alguma coisa e só então percebi que eu o havia mordido.

– Desculpe – falei. – Não sabia que você ia fazer isso.

Henry não disse nada. Apenas reabriu minha boca e me beijou de novo, como tinha feito antes. Dessa vez aceitei a invasão e aparentemente isso o satisfez, pois dali a alguns minutos ele me deixou para ir falar com papai.

CASAMOS SEIS SEMANAS DEPOIS numa cerimônia simples. Jamie foi o padrinho. Quando apareceu lá em casa com Henry, entregou-me um buquê de rosas, depois me apertou num abraço de urso e disse:

– Minha querida Laura. Fico tão feliz que o Henry finalmente tenha tomado juízo! Falei que ele seria um idiota se não casasse com você.

Após conhecer Jamie naquele restaurante, achei que toda a família seria tão simpática quanto ele. Estava enganada. Ao ser apresentada aos McAllans, dois dias antes do casamento, constatei rapidamente que por algum motivo eles se achavam superiores aos Chappells, os quais, diga-se de passagem, tinham sangue francês pelo lado do meu pai e de um general da Guerra Civil americana pelo lado da minha mãe. Não vi muito o pai de Henry durante aquele fim de semana (Pappy e os outros homens haviam sumido para fazer tudo aquilo que cabia aos homens fazer nas vésperas de um casamento), mas passei tempo suficiente na compa-

nhia das mulheres da família para saber que jamais seria tão próxima delas quanto, de modo ingênuo, eu havia imaginado. A mãe de Henry era uma mulher fria, arrogante e cheia de opiniões (quase sempre negativas) sobre tudo e todos. Suas duas irmãs, Eboline e Thalia, haviam sido Miss Algodão da cidade de Greenville e não falavam de outra coisa que não fosse a riqueza dos próprios maridos. No dia anterior à cerimônia, mamãe ofereceu um almoço apenas para as mulheres de ambas as famílias e Fanny perguntou em que universidade elas haviam estudado. Thalia ergueu as sobrancelhas perfeitamente desenhadas e disse:

– Universidade? E para que uma mulher precisa de universidade? Confesso que não sei.

– A menos que você seja pobre – completou Eboline. – Ou feia.

As duas riram.

Eu e minhas irmãs nos entreolhamos, um tanto assustadas. Henry não dissera a elas que nós três tínhamos formação universitária? “Claro que elas não sabiam de nada”, disse Fanny mais tarde, “claro que a gafe não foi intencional.” Eu não tinha tanta certeza assim.

No entanto, nem mesmo os parentes desagradáveis de Henry conseguiram roubar a alegria que eu sentia no dia do meu casamento. Fomos para nossa lua de mel em Charleston, depois voltamos para a casinha que Henry havia alugado na Evergreen Street, não muito longe da casa dos meus pais. Então eu me apeguei à vida de casada. Adorava as pequenas dimensões da rotina doméstica, a sensação de pertencimento que ela proporcionava. Eu agora era de Henry, e o grande propósito da minha vida na Terra era satisfazer as vontades e as necessidades dele: preparar os pratos prediletos, lavar e passar as camisas, esperar diariamente pelo seu retorno à casa. Em novembro de 1940, Amanda Leigh nasceu; dois anos depois veio Isabelle, e a partir daquele momento eu pertencia muito mais às minhas filhas que ao pai delas.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

